

ANTIDOGMATISMO E SAÚDE CONSCIENCIAL

Marcelo da Luz

Formado em Filosofia e Teologia. Professor do Ensino Médio e Ensino Superior. Secretário Geral da UNIESCON (União Internacional de Escritores da Conscienciologia) e Professor Itinerante da REAPRENDENTIA (Associação Internacional de Parapedagogia e Reeducação), *marcelo_da_luz@yahoo.com.br*.

RESUMO. Este artigo enfatiza a importância da vivência do antidogmatismo para a saúde consciencial. Ao descortinar o próprio labcon, o autor expõe a relevância da identificação e dissolução das crenças irracionais para a recuperação da saúde integral e consolidação da maxidissidência. Paralelo feito entre duas fases da vida do autor, mostra as linhas de continuidade e ruptura entre intervenções realizadas no âmbito das terapias cognitivas (Psicologia convencional) e da autoprofilaxia (Consciencioterapia). Autoexperimentação e pesquisa bibliográfica foram os procedimentos metodológicos empregados na elaboração deste texto. A conclusão do artigo afirma o maior alcance do Paradigma Consciencial na terapêutica e profilaxia do dogmatismo, diagnosticado enquanto parapatologia do mentalsoma e fator de impedimento à vivência da megafaternidade.

PALAVRAS-CHAVE: antidogmática; Consciencioterapia; Descrenciologia; maxidissidência; terapias cognitivas.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva a explicitação da relevância do antidogmatismo para a integralidade da saúde consciencial. O tema é exposto em três momentos, assim delineados:

1. Explicitação dos significados de dogma, dogmatismo e antidogmatismo.
2. Considerações sobre o problema do dogmatismo em diferentes linhas de conhecimento: religião, ciência e filosofia.

3. Exposição de casuística pessoal quanto à autossuperação do dogmatismo. Neste contexto, serão feitos paralelos entre duas fases da vida do autor. Na primeira fase, serão descritos alguns resultados provenientes da experiência do autor enquanto paciente da psicoterapia cognitiva. Na segunda fase, estes resultados serão ampliados à luz da pesquisa consciencioterápica. Nas duas fases, houve identificação de crenças dogmáticas influenciadoras dos sentimentos e comportamentos do autor. Contudo, a autopesquisa mais ampla no horizonte da consciencioterapia tornou possível o reconhecimento da adesão aos dogmas religiosos como expressão da parapatologia do mentalsoma.

A metodologia de pesquisa empregada neste artigo é, em parte, a autoexperimentação com registros, análises e conclusão acerca das vivências e processos terapêuticos, consciencioterapêuticos e autoprofiláticos do autor. Este conjunto de registros e análises das vivências foi fundamentado e complementado, de outra parte, pela pesquisa bibliográfica.

I. DOGMA E ANTIDOGMATISMO

I.1. Definições

Antidogmatismo é termo antonímico a *Dogmatismo* ou *Dogmática*, vocábulos utilizados no âmbito da Teologia Cristã para designar o conjunto de ideias e princípios considerados incontestáveis ou absolutos, aos quais a consciência deve assentir com irrestrita fé.

Dogmatismo é cognato derivado do termo *dogma*, o qual significa, no sentido estrito do vocabulário teológico católico, a “verdade” revelada diretamente pelo deus cristão à Igreja, mediante solene declaração do magistério eclesiástico (Papa, concílios, bispos), e imposta aos fiéis como artigo de fé compulsória (DARLAP & RAHNER, 2005, p. 2.387). Neste contexto, o magistério católico é considerado infalível tanto quanto a mensagem bíblica, sob a pressuposição de falar em nome do “Espírito Santo”. Para as igrejas orientais ortodoxas (separadas do catolicismo latino em 1054), apenas os sete primeiros concílios ecumênicos são considerados como depositários de verdade revelada, rejeitando-se todo o desenvolvimento dogmático posterior. Já no protestantismo, funciona o princípio da *sola scriptura*, isto é, toda autoridade está no texto bíblico, única fonte de revelação, acessível à interpretação da consciência individual. Não obstante as diferenças destes três grandes troncos da religião cristã – dividida atualmente em pelo menos 33.800 seitas (PALMER & O'BRIEN, 2006) – todas vivem a partir do entendimento heterônomo do itinerário consciencial: a revelação da suposta divindade é objeto de fé incondicional, exigindo obediência e submissão dos sequazes. O trinômio falacioso *revelação-autoridade-tradição* é a base do discurso crístico (LUZ, 2011).

A palavra dogmatismo é também usada no campo filosófico, significando o pressuposto teórico da possibilidade de acesso racional a verdades absolutamente claras, distintas e indubitáveis. O dogmatismo, enquanto princípio epistemológico, se opõe a variadas formas de ceticismo – pressuposição da impossibilidade ou dos limites da razão para a obtenção da certeza no conhecimento.

Por extensão (HOUAISS, 2011; SACCONI, 2010), o termo dogmatismo será usado neste artigo na acepção da atitude ou modo de pensar cuja orientação é a afirmação autoritária ou aceitação rígida, acrítica, ingênua ou crédula de ideias consideradas inabaláveis, irrefutáveis, indiscutíveis, absolutas ou definitivas. Neste sentido, a postura dogmática é manifestação pensênica não exclusivamente ligada à religião, mas possível em qualquer área da vida ou do conhecimento (senso comum, filosofia, ciência, ideologia política, entre outros). No âmbito religioso, este sentido amplo do vocábulo dogmatismo pode ser estendido também às religiões não cristãs, enquanto promotoras do antiuniversalismo, da falaciologia e da terceirização das escolhas existenciais (LUZ, 2011).

Com efeito, a aceitação incontestada de propostas irrefutáveis ou racionalmente injustificadas é muito mais visível e frequente no campo religioso. Vale ressaltar, conforme Melton (2005), existirem cerca de 60 mil religiões no mundo, abarcando a adesão de pelo menos 80% da população global. Isto indica ser a Terra, ainda como planeta-hospital, em pleno século XXI, o lar de bilhões de consciências imersas em conveniente credulidade, subinteligência fanática e anticosmoética sectária.

Por antonímia, antidogmatismo ou antidogmática será, portanto, o conjunto de manifestações da conscin lúcida quanto ao abertismo consciencial, universalismo, autoconscientização multidimensional, cosmoética e acuidade do pensamento lógico aplicados na rejeição e refutação de quaisquer doutrinas, ideias, ações ou princípios pretensamente absolutos e definitivos. Neste sentido, o antidogmatismo é a vivência do princípio da descrença, “a recusa de conceitos, afirmações ou pressuposições advindas de quaisquer abordagens apriorísticas, injustificadas, irrefletidas, indemonstráveis ou ilógicas” (LUZ, 2011, p. 326).

I.2. Antidogmatismo e tipos de conhecimento

A apresentação de qualquer ideia sob a capa da verdade absoluta, haverá de trazer à luz, inevitavelmente, manifestações de força, a fim de garantir a supremacia dos emissários dos dogmas. A

eliminação, *a priori*, da possibilidade de discussão ou debate acerca da racionalidade dos preceitos impostos já confere caráter totalitário ao discurso dogmático. Esta é a natureza das assim chamadas “verdades de fé” ou “verdades absolutas”: seus propositores não admitem exame racional ou questionamento e tentam, portanto, persuadir pela coerção. O exercício argumentativo é preterido inadvertidamente pela alegada verdade superior dos deuses, autoridades ou especialistas, quaisquer sejam as ideologias ou conteúdos a eles atribuídos. O crédulo tem sempre a certeza de sua agremiação ser a detentora da verdade única, pela qual ele ou ela é interpelado a dar a vida. O sentimento de possuir a missão de propagar a verdade total, definitiva, absoluta ou divina, quando assumido com fervor, desencadeia a dinâmica da doutrinação, cujos mecanismos são de coerção psicológica. Pressupõe-se o mensageiro como sendo portador da última palavra sobre o assunto, não restando alternativa ao interlocutor senão render-se incondicionalmente. Eis três abordagens dogmáticas surgidas na Idade Contemporânea e defendidas nos âmbitos da ciência, da filosofia e da política:

01. **Cientificismo.** O mito da perfeição do conhecimento científico, criado a partir do Positivismo, corrente filosófica inaugurada pelo francês Augusto Comte (1798-1857).

02. **Historicismo.** O filósofo da ciência Karl Popper (1902-1994) chamou de *historicismo* as filosofias sociais propositoras de leis históricas deterministas quanto ao futuro. O socialismo marxista seria exemplo deste tipo de dogmatismo, ao se configurar como teoria visionária de futuros eventos econômicos e políticos, a exemplo da ditadura do proletariado.

03. **Neopositivismo.** Influente corrente filosófica no século XX, cuja proposta era a análise da linguagem científica, presumidamente a descrição rigorosa e precisa da verdade objetiva sobre os fatos.

Contudo, no âmbito da religião, o dogmatismo alça domínio ainda mais amplo sobre a maioria da população terrestre. Eis, a título de exemplo, cinco posturas dogmáticas indefensáveis, mas ainda válidas para bilhões de consciências:

01. **Catolicismo.** O dogma da infalibilidade papal, decretado em 1870, pelo Papa Pio IX, é artigo obrigatório de fé para os católicos. Ressentido pela perda dos Territórios Pontifícios, o pontífice atribuiu ao Papado o poder de produzir a verdade absoluta.

02. **Pentecostalismo.** Radicadas no fundamentalismo quanto ao mito do criacionismo narrado na Bíblia, muitas seitas dentro desta linhagem do protestantismo acreditam que o universo tenha apenas seis mil anos.

03. **Mormonismo.** Segundo Joseph Smith (1805-1844), fundador da seita, Cristo se revelou aos nativos norte-americanos, entregando-lhes livro equivalente ao segundo Novo Testamento.

04. **Islamismo.** Entre os fundamentalistas islâmicos promotores do teoterrorismo, é difundida a popular crença do direito adquirido pelo mártir de receber 72 virgens como prêmio pelo autosacrifício. Esta luxuriosa expectativa se apoia no dito 2.562 do *Hadith*, documento da tradição espiritual muçulmana. O Alcorão, a escritura sagrada do Islã, não especifica números, mas promete “mulheres com fartos seios” (Sura 78:33) ao justo quando este chegar ao paraíso.

05. **Hinduísmo.** Os hindus reverenciam a vaca, proibindo o consumo de sua carne, em função da crença de este animal servir de montaria ao deus Shiva. A mesma divindade é representada pelo touro, a quem os hindus prestam culto de adoração. Alguns hindus também adoram ratos, macacos e aves.

Contudo, a proposta do pensamento racional empreendido na ciência e na filosofia é fundamentalmente diversa das abordagens religiosas. O conhecimento científico é essencialmente progressivo, pois a exigência da experimentação expõe continuamente os limites das teorias científicas, possibilitando o surgimento de novas hipóteses e corpos de conhecimento. A filosofia, por sua vez, propõe-se a questionar os pressupostos subjacentes a quaisquer teorias ou modelos ideológicos. O filósofo Karl Popper, por exemplo, foi responsável pela disseminação da ideia de o avanço da ciência depender das falhas necessariamente contidas em toda teoria considerada científica (POPPER, 1995).

O fato de muitos cientistas e filósofos reconhecerem os limites da ciência não significa, porém, ser esta equiparável à ficção produzida pelo pensamento religioso, tornando necessária a existência da religião, falácia na qual incorrem, hoje, muitos intelectuais (GLEISER, 2011; COLLINS, 2007). Importa considerar não tanto os resultados, mas o método empregado na busca do conhecimento. Ciência e filosofia são discursos abertos à revisão de seus pressupostos, contendo em si mesmos o gérmen da antidogmática. Assim, mesmo quando pesquisadores destas áreas tenderem ao absolutismo gnosiológico, as exigências metodológicas do pensamento racional poderão trazer de volta a noção da *verdade relativa*. Caso exemplo é o do filósofo Ludwig Wittgenstein (1889-1951), cujo *Tractatus logico-philosophicus* fundamentou as pretensões dogmáticas dos neopositivistas do Círculo de Viena (grupo de intelectuais propositores, na década de 1920, do Positivismo Lógico ou Neopositivismo). Entre as ideias básicas do *Tractatus* está a afirmação de que as proposições só terão sentido quando puderem ser verificadas ao modo de imagens dos fatos materiais, negando, assim, qualquer relevância aos enunciados cujo conteúdo ultrapasse o limiar da eletrônica. Contudo, o próprio Wittgenstein reconheceu, mais tarde, a contradição na qual incorria, pois as proposições do *Tractatus*, sendo metalinguagem, não poderiam ser verificadas. Este fato fez o filósofo abandonar o trabalho filosófico por longo tempo, gerando também crise no projeto do verificacionismo defendido pelos neopositivistas, caso inusitado de *dogmatofagia*.

O problema do conhecimento produzido pela religião, pelo misticismo (e também pelos filósofos e cientistas quando fascinados pelo mito da verdade absoluta), além da inexatidão ou caráter ficcional das proposições, é a impossibilidade da livre investigação e questionamento dos pressupostos e a entronização da autoridade da tradição (*magister dixit*) enquanto fonte primária e inquestionável do saber. O resultado deste tipo de metodologia é um sistema fechado em si mesmo em constante antagonismo com outros sistemas igualmente fechados (proliferação do sectarismo voraz). No caso da religião, os dogmas produzidos são, em grande parte, crenças consolatórias, mantenedoras de multidões em estado de sonambulismo existencial.

A pretensão de infalibilidade em qualquer assunto representa desdenhosa ruptura com a metodologia básica do conhecimento humano, assentada no exercício racional de ensaio e erro. Por outro lado, a necessidade de verificar e justificar as interpretações, crenças ou visões de conjunto elaboradas por indivíduos ou grupos sobre a realidade não deve ser confundida com a ilusão da obtenção da absoluta objetividade dos fatos do mundo. A suposta *neutralidade científica* – a crença na pura objetividade do discurso da ciência, a qual seria capaz de descrever a verdade intrínseca dos objetos pesquisados – há muito foi reconhecida como uma incoerência tácita nas pretensões dos positivistas e neopositivistas. A tarefa de depuração da crença não se presta à ingênua exaltação da ciência enquanto conhecimento superior e absolutamente certo, mas à exigência do honesto exercício da racionalidade – a busca contínua e metódica da probabilidade, evidência, plausibilidade, possibilidade lógica e coerência interna das proposições científicas. Apesar das inevitáveis insuficiências apresentadas por qualquer explicação acerca da realidade, as crenças precisam ser justificadas racionalmente, caso pretendam permanecer discursos possíveis sobre o mundo.

II. AUTEXPERIMENTOLOGIA

II.1. Intervenções terapêuticas

Este autor veio a conhecer a pesquisa conscienciológica quando estava no auge da carreira religiosa, trabalhando na função de sacerdote e reitor de seminário católico. A primeira metade do itinerário do autor dentro da vida eclesial fora marcada por sucessivas crises deflagradas pelo desencanto em perceber as incoerências do ambiente conventual, vivência ampliadora de autocolpa.

Esta primeira etapa caracterizou-se pelo sofrimento decorrente da autoimposição de rígidas estruturas da tradição monástica.

Em 1997, quando residia nos EUA para estudos de pós-graduação, este autor foi diagnosticado com severa depressão, após avaliação psicológica. Submeteu-se a tratamento psicológico e psiquiátrico em clínica especial para religiosos, durante 15 semanas. Todos os pacientes eram sacerdotes ou religiosos consagrados. Havia uma equipe multidisciplinar de alto gabarito profissional a serviço dos internados. A linha de orientação terapêutica era a combinação da Terapia Racional-Emotivo-Comportamental de Albert Ellis (1913-2007) com a Terapia Cognitiva de Aaron Beck (1921-), e o paciente, além de passar por várias técnicas ao longo do dia (massagens, ginástica aeróbica, terapia individual, terapia de grupo, entre outras), tinha também acesso à literatura e aulas sobre os pressupostos teóricos da terapia.

Obviamente, a clínica também funcionava, durante todo o período de internamento, ao modo de comunidade religiosa temporária do clérigo internado. Missa diária, meditação e outras atividades religiosas estavam à disposição do paciente, mas não eram impostas. Parte do programa também previa a participação dos pacientes em ao menos 90 reuniões diárias em variados programas de recuperação dos 12 Passos (inspirados na experiência pioneira dos Alcoólicos Anônimos).

Este autor, à época, com o auxílio da intervenção terapêutica, percebeu ter chegado ao esgotamento do estilo de vida pautado em interpretação mais literal da exigência de autossacrifício. Estava intoxicado pela visão dogmática da vida. Este processo terapêutico marcou o início da mudança que gradualmente culminaria, anos mais tarde, na maxidissidência ideológica.

II.2. Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais

Segundo Rangé (2001), a Terapia Racional-Emotivo-Comportamental (TREC) trabalha com a pressuposição de a consciência, por um lado, estar inclinada a pensar irracionalmente em termos absolutos e, de outro lado, possuir a capacidade para refletir acerca do próprio pensamento a fim de mudar os padrões cognitivos irracionais. No cerne da perturbação psicológica, está a interpretação inflexível dos acontecimentos. Assim, a identificação das crenças irracionais – as exigências absolutistas sobre si, sobre o outro e sobre o universo –, encontra-se no âmago da abordagem da TREC. Estas crenças frequentemente aparecem sob a forma de imperativos dogmáticos a exemplo de “tenho que”, “deveria”, “devo”, “tenho a obrigação de”. Deste elenco de dogmas autoimpostos, deriva série numerosa de distorções cognitivas, a exemplo destas cinco, retiradas de listagem mais ampla feita por Dobson (1988):

1. Pensamento “tudo ou nada”.
2. Focalização no negativo.
3. Desqualificação do positivo.
4. Rotulação e supergeneralização.
5. Perfeccionismo.

A Terapia Cognitiva, por sua vez, identifica três tipos de crenças: o pensamento automático (crenças disparadas espontaneamente pela mente nas atividades e eventos cotidianos), as crenças intermediárias (as suposições e regras autoimpostas e mais persistentes que os pensamentos automáticos) e as crenças centrais (nível cognitivo mais profundo, formado pelas ideias dogmáticas e inflexíveis do indivíduo sobre si, os outros e o mundo circunstante). As crenças centrais, segundo Aaron Beck, funcionam como estruturas cognitivas orientadoras e seletivas para o indivíduo (RANGÉ, 2001).

Tanto a TREC quanto a Terapia Cognitiva, trabalham com o pressuposto de o comportamento ser determinado pelo modo pelo qual o indivíduo percebe o mundo e a si mesmo, princípio já presente no pensamento dos filósofos helenísticos Sêneca (4 a.e.c.-65 e.c.) e Epitecto (60-138). Esta máxima foi bastante repetida no início do tratamento pela equipe terapêutica, provocando neste autor o desafio de modificar a si mesmo e não o ambiente ou outros indivíduos. Ao longo do tratamento, este autor aprendeu a identificar as crenças irracionais subjacentes às interpretações distorcidas e negativistas, a fim de modificar os esquemas básicos de seu pensamento em padrões de maior racionalidade.

A clássica lista de Ellis (1962) enumera 11 crenças irracionais, das quais cinco são aqui selecionadas como resultado do autodiagnóstico deste autor à época do tratamento. As crenças, segundo a análise cognitiva de Beck (1997), influenciam diretamente os sentimentos e os comportamentos.

	Crença irracional	Sentimento	Comportamento / Somatização
1.	“Devo ser reconhecido e aprovado por todas as pessoas ao meu redor, pois o tempo todo me esforço para servir as pessoas”.	Ansiedade pela aprovação de outrem; frustração por perceber que nem todos valorizavam o esforço de autossantificação.	<i>Workaholism</i> e hercúleo esforço para ser ainda mais “bonzinho” e “santo”. Exaustão, <i>burnout</i> .
2.	“Devo ser inteiramente competente e perfeito a fim de reconhecer em mim mesmo algum valor, afinal este é o papel do padre”.	Autodesvalorização e raiva de si mesmo em razão das imperfeições e erros cometidos.	Cobrança perfeccionista em todas as situações cotidianas; <i>burnout</i> , prostração.
3.	“É terrível quando as coisas não ocorrem conforme minhas expectativas, pois o mundo deveria ser melhor e mais justo”.	Frustração; silenciosa raiva; autocomiseração.	Lamento pelas irrealizações.
4.	“Algumas pessoas (críticas, fofoqueiras e invejosas) são más e deveriam sofrer; as pessoas boas deveriam ser mais felizes”.	Indignação, satisfação malévo-la, autopiedade, cotoveloma.	Isolamento, lamúria, choro, reivindicações por justiça.
5.	“Devo ficar transtornado com os problemas e preocupações alheios, afinal, espera-se do bom religioso o autossacrifício”.	Perturbação, melancolia, ansiedade.	Atitudes salvacionistas, ampliação da consolação; assimilação das dores e sentimentos alheios.

Tabela 01: Paralelo entre as crenças irracionais, os sentimentos e os comportamentos / somatizações do autor durante a terapia feita em 1997.

Identificadas as crenças irracionais, este autor passou à correção das mesmas, submetendo-as a análises mais lógicas. Na tabela seguinte, aparecem os exercícios de pensamento racional efetuados à época pelo autor no questionamento das crenças pessoais:

	Crenças Irracionais	Pensamentos racionais
1.	“Devo ser reconhecido e aprovado por todas as pessoas ao meu redor, pois me esforço o tempo todo para servir as pessoas”.	Ninguém está “obrigado” a gostar de você ou do seu trabalho. É absolutamente impossível agradar a todos e obter unânime aprovação em qualquer atividade (especialmente quando se trabalha em equipe). A infantil necessidade de receber amor alheio denuncia frágil autoestima. A justa autoapreciação advém do comprometimento com as metas pessoais de vida e não da aprovação alheia. Ademais, não obter aprovação de alguém pode ser desagradável, mas jamais insuportável.

2.	“Devo ser inteiramente competente e perfeito a fim de reconhecer em mim mesmo algum valor, afinal este é o papel do padre”.	Há grande diferença entre tentar fazer algo bem feito e buscar ser o melhor de todos. Erros e imperfeições são preciosos, pois representam a própria condição de possibilidade do aprendiz. Inexiste perfeição, e para se convencer disto, basta observar as pessoas e a natureza ao redor. O esforço por tornar-se “o melhor” dissimula cupidez e competitividade.
3.	“É terrível quando as coisas não ocorrem conforme minhas expectativas, pois o mundo deveria ser melhor e mais justo”.	É algo normal sentir frustração quando as coisas acontecem do jeito que não gostaríamos. Contudo, sentir-se desesperado pela expectativa frustrada é irracional, pois em nenhum lugar “está escrito” que a vida deve obedecer aos nossos desejos. A lamúria e o desânimo em nada ajudam na transformação das situações adversas. É sábio observar quais coisas e situações podemos mudar e quais estão além do nosso alcance. Isto previne a frustração.
4.	“Algumas pessoas (críticas, fofoqueiras e invejosas) são más e deveriam sofrer; as pessoas boas deveriam ser mais felizes”.	Humanos são aprendizes, por isto mesmo são falhos. É prudente desenvolver olhar mais realista e se precaver, quando possível, das imaturidades das pessoas. Contudo, castigá-las não faz sentido, pois além de não se poder reparar o prejuízo que podem ter causado, continuarão a sofrer de ignorância e imaturidade. Por outro lado, a dor, a perda, a dificuldade são partes inevitáveis da vida, oportunidades de crescimento para todos, sejam estes “bons” ou “maus”.
5.	“Devo ficar transtornado com os problemas e preocupações alheios, afinal, espera-se do bom religioso o autossacrifício”.	Por que se “deveria” sofrer pelos problemas alheios? Servirá de alguma ajuda ter ao lado mais um (você) derramando lágrimas ou se queixando da vida? Os mais fortes e saudáveis estão em melhores condições de ajudar os mais fracos e doentes.

Tabela 2: Correção de crenças irracionais feita pelo autor durante tratamento realizado em 1997.

II.3. Resultados

A identificação e correção das crenças irracionais autoimpostas em muito ajudou este autor. A partir da terapia realizada, foi inaugurada nova fase dentro da carreira religiosa. A sombria espiritualidade do autossacrifício deu lugar à religiosidade inclinada à tolerância, à compreensão, ao ecumenismo. Este autor passou a rejeitar formas tradicionais de devoção, a exemplo da oração do rosário, além de integrar elementos de outras tradições espirituais não cristãs, especialmente novas formas de meditação e textos cujo conteúdo discorria sobre mediunidade. Houve sensível diluição do enrijecimento doutrinário e aquisição de maior liberdade quanto à interpretação dos dogmas religiosos. Entre os recursos terapêuticos da clínica, havia também a orientação espiritual feita por um terapeuta cognitivo e ex-jesuíta. Este diretor espiritual não fazia questão de controlar os orientandos com exercícios devocionais e leituras diretivas. Contudo, iniciou este autor ao seguimento da “espiritualidade do despertar”, movimento criado pelo padre jesuíta Anthony de Mello (1931-1987), o qual harmonizava tradição cristã, espiritualismo oriental e Psicologia Cognitiva. As abordagens de Anthony de Mello seriam condenadas algum tempo depois pelo Cardeal Joseph Ratzinger, futuro papa Bento XVI.

No entanto, este “despertar” era ainda preliminar e insuficiente, pois todos dentro da clínica – profissionais de ajuda e pacientes – consideravam sagradas e intocáveis uma série de crenças fundamentais à religião. Este autor, diante de determinados problemas apresentados pelos colegas de internamento, ponderava se algumas crenças religiosas não seriam graves distorções cognitivas. Caso contundente apresentava o sacerdote missionário cujo “problema” era recorrentemente vivenciar romances com mulheres em cada missão para a qual era enviado. As sessões terapêuticas o ajudaram

a identificar a carência afetiva proveniente da infância e a perceber o dano moral causado a terceiros em algumas das aventuras sexuais. Contudo, o padre em questão não cogitou sequer um instante a possibilidade da crença na vocação sacerdotal celibatária ser a mais gritante ilogicidade de sua vida.

Este autor ainda permaneceria mais sete anos percorrendo a trilha religiosa. Percebia muitas inconsistências nas doutrinas defendidas pela Igreja, mas a considerava ainda a melhor oportunidade para quem quisesse prestar assistência ao semelhante. No entanto, o (re)encontro com a Conscienciologia o levou às pesquisas mais desafiadoras nos campos da Descrenciologia, Autenganologia, Autocogniciologia, Autodiscernimentologia e Autexperimentologia. As abordagens anteriores, mesmo aquelas desencadeantes do gradual abertismo do autor, ficaram pequenas diante do Paradigma Consciencial.

III. AUTODIAGNÓSTICO DA DOGMATOPATIA

III.1. Distorções paracognitivas e seus efeitos

Sob o enfoque da consciencioterapia, o dogmatismo conduz à dogmatopatia, uma parapatologia do mentalsoma caracterizada pelo restringimento e distorção da capacidade cognitiva e paracognitiva da consciência, em função da crença em determinados dogmas. Entre as possíveis consequências desta parapatologia estão o subdesenvolvimento da inteligência evolutiva e a execução insatisfatória da próxis. Resguardando as diferenças entre os paradigmas, é possível explorar relativa aproximação entre a pressuposição da Terapia Cognitiva e a teoria conscienciológica do *pensene*. Segundo a Terapia Cognitiva, as distorções cognitivas influenciam significativamente o afeto e o comportamento. Já a pesquisa conscienciológica explicita o conceito de *pensene* – unidade de expressão prática da consciência, na qual pensamento (*pen*), sentimento (*sen*) e energia (*ene*) são indissociáveis, cabendo à consciência mais lúcida pautar sua manifestação no *pen* do *pensene*. Este paralelo é apenas aproximativo, visto ser tarefa da Conscienciologia investigar a consciência em todas as suas possibilidades de manifestação em diferentes corpos (soma, psicossoma, energossoma e mentalsoma), nas dimensões intra e extrafísica, não restringindo aos limites da expressão somática na dimensão intrafísica, campo limite da Psicologia. Feita esta distinção, proceder-se-á à classificação das distorções paracognitivas atuantes tanto sobre o psicossoma como nas manifestações energéticas e somáticas da consciência. Entre os possíveis elementos indicadores da subinteligência da mente dogmática – as distorções cognitivas e paracognitivas – estão estes 10, aqui listados em ordem alfabética:

01. Acriticismo.
02. Apriorismose.
03. Autassédio.
04. Bitolação.
05. Fechadismo consciencial.
06. Fixopensenidade.
07. Inflexibilidade cognitiva.
08. Monopensenidade.
09. Rigidez autopensênica.
10. Tautopensenidade.

Considerando-se a manifestação prática da consciência, para a qual pensamento, sentimento e energia são indissociáveis, as distorções causadas pela dogmatopatia no mentalsoma incidem diretamente nas manifestações psicossomáticas e energéticas da consciência. Eis, em ordem alfabética,

20 exemplos de fissuras íntimas, denunciando de ectopias no temperamento e na personalidade da consciência, provocadas pela mentalidade dogmática:

01. Arrogância.
02. Autismo.
03. Autoconflitividade.
04. Autoculpabilidade.
05. Autofobia (medo do autoenfrentamento).
06. Autossantificação.
07. Beligerância.
08. Complexo de justiceiro.
09. Complexo de Messias.
10. Cupidez.
11. Eleuterofobia (medo da liberdade).
12. Gnosiofobia (medo do conhecimento científico).
13. Hedonofobia (medo de sentir prazer).
14. Intolerância.
15. Narcisismo.
16. Neofobia.
17. Perfeccionismo.
18. Pernosticismo.
19. Repressão.
20. Tropofobia (medo de realizar mudanças).

Do ponto de vista da *Comunicologia*, eis 40 efeitos do dogmatismo na manifestação consciencial, aqui listados em ordem alfabética:

01. **Absolutização do achismo:** a deliberada permanência no senso comum.
02. **Anticosmoeticidade:** o primado da má intenção.
03. **Antidiscernimento:** o vício da irreflexão.
04. **Antiparapsiquismo:** dogmática eletrônica.
05. **Antiquestionamento:** o hábito da preguiça mental.
06. **Antiuniversalismo:** o funcionamento da mente sectária.
07. **Beaticidade:** o assentimento às mentiras religiosas.
08. **Belicismo:** o apelo máximo à força.
09. **Bloqueios à criatividade:** o dogmatismo das academias.
10. **Delírios imaginativos:** efeitos da síndrome da dispersão consciencial.
11. **Doutrinação:** heterassédio ideológico.
12. **Engano parapsíquico:** origem da religião.
13. **Falaciloquência:** raciocínio lacunoso a serviço do sectarismo.
14. **Fanatismo:** retardamento mental individual e coletivo.
15. **Fundamentalismo:** a profissão da anti-hermenêutica.
16. **Gurulatria:** terceirização das escolhas existenciais.
17. **Heteronomia:** abdicação do livre-arbítrio.
18. **Incuriosidade:** letargia mentalsomática.
19. **Inexistência de autocrítica:** alicerce do egão.
20. **Interprisão grupocármica:** inevitável consequência da gurulatria.
21. **Latria:** as diversas formas de amor errado.
22. **Lavagem cerebral:** fabricação de fanáticos.
23. **Manipulação consciencial:** onde terminam as boas intenções religiosas.
24. **Megalomania:** doença dos santos e heróis.
25. **Misticismo:** o protoconhecimento infantil.

26. **Nacionalismo:** bandeiras manchadas de sangue e orgulho.
27. **Parapsicose pós-dessomática:** permanência da dogmatopatia no extrafísico.
28. **Paroquialismo:** demarcação do mini-feudo.
29. **Posturas inquisitoriais:** confluência entre cruz e espada.
30. **Preconceitos:** sinalizadores do fechadismo consciencial.
31. **Puritanismo:** moralismo hipócrita.
32. **Religião:** institucionalização do sonambulismo consciencial.
33. **Salvacionismo:** magalomania dos lavadores de cérebro.
34. **Sectarismo:** multiplicação de fronteiras.
35. **Submissão:** *modus vivendi* do *homo sapiens genuflexus*.
36. **Superstição:** sacralização de ilogismos.
37. **Teologia:** justificativa ficcional de ideias fanatizantes.
38. **Teoterrorismo:** mãos que abençoam e ferem.
39. **Totalitarismo:** supressão das liberdades.
40. **Tradicionalismo:** imposição de idiotismos culturais.

A ausência do princípio da descrença nas abordagens terapêuticas feitas em 1997 impedia este autor de perceber a centralidade das crenças irracionais mais arraigadas no próprio mentalso-ma: a admissão da necessidade da religião e seus dogmas salvacionistas. A impossibilidade de se chegar a este resultado era ínsita ao funcionamento das instituições às quais dedicou os anos da fase preparatória da vida (o autor deixou a vida religiosa aos 36 anos). As pesquisas culminantes na publicação da obra *Onde a Religião Termina?* permitem, à luz da Descrenciologia, indicar a irracionalidade dos pilares constituintes do *jogo da religião*. Eis, por exemplo, três afirmações dogmáticas, absolutamente irracionais, ainda determinando o sonambulismo existencial de bilhões de consciências intra e extrafísicas:

	Crenças Irracionais	Pensamentos racionais
1.	“Minha vida deve consistir em amar o Deus que me amou primeiro?”	<ul style="list-style-type: none"> - Caberia a um ser verdadeiramente “superior”, isto é, à consciência presumivelmente mais evoluída, exigir amor e adoração de suas criaturas? Isto não constituiria coerção psicológica, própria das consciências imaturas? - Ao se observar as imagens de “Deus” produzidas pelas culturas monoteístas ao longo de diferentes épocas, é perfeitamente constatável que “Deus” é ideia antropomórfica, resultante dos medos e ambições humanas. - As pesquisas em Parapercepciologia aplicadas à Evoluciologia, indicam o parafato: quanto maior o nível evolutivo, maior o alcance da assistencialidade feita em anonimato. Portanto, as exigências de reconhecimento, louvor, gratidão, genuflexão e adoração feita pelas diferentes versões da ideia de “Deus” nas religiões são expressões de egocentrismo, não evolução. - Todos os conhecimentos produzidos pelas ciências, filosofia e religiões, ainda não conseguiram trazer sequer uma única evidência de quem seja ou do que seja a causa primária do universo. O tema é simplesmente inacessível no momento.
2.	“Jesus Cristo é o caminho, a verdade e a vida; não há salvação fora deste nome?”	<ul style="list-style-type: none"> - As considerações críticas feitas à ideia de Deus se aplicam também a Jesus Cristo. - A fabricação do mito da divindade de Jesus é verificável pelo estudo histórico-crítico da literatura sagrada cristã (LUZ, 2011, p. 126-141). - O conteúdo de muitos pronunciamentos atribuídos a Cristo no Novo Testamento não resiste a exame racional. A pregação e a obra deste líder religioso, segundo as próprias fontes cristãs, estão eivadas de antiuniversalismo, apelo fanático, coerção psicológica, intolerância, amor sectário, autoengano parapsíquico, infantilismo, entre outras manifestações de inépcia e imaturidade. - O voraz proselitismo praticado entre as cerca de 33.800 diferentes seitas cristãs permite ao observador constatar ser a afirmação de Cristo salvador uma das ideias mais fanatizantes hoje na Terra.

3.	<p>“Nenhum ensinamento proferido na Terra se equipara à grandeza das palavras pronunciadas por Jesus: ‘Amai-vos uns aos outros como eu vos amei, isto é, amar sem esperar recompensa alguma, amar sempre’.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Este pronunciamento, encontrado no Evangelho de João, 15:12, não se refere ao “amor incondicional”. Apenas seis versos antes, na mesma página evangélica, o próprio Cristo declara ter de jogar às chamas quem não estiver unido a ele (Jo 15:6). O contexto do relato é sectário. Jesus, em muitas passagens, exigiu exclusivo afeto e reconhecimento dos discípulos. É, portanto, falsa a ideia de ele ter ensinado a amar incondicionalmente. - O amor puro, incondicional, expressão da megafaternidade, é possibilidade e meta evolutiva para as consciências. Contudo, o sectarismo ínsito ao ensinamento de Cristo e outros fundadores de religiões está ainda muito distante da incondicionalidade do amor. Onde existe facciosidade (caso do relato evangélico), há inevitavelmente a demonização do adversário ideológico. - Se inexistente razão para se fundamentar ações assistenciais em nome de Cristo, o que impede a consciência de assumir autonomia na capacidade interassistencial?
----	---	---

Estes três exemplos tocam nos dogmas fundamentais do Cristianismo, dos quais dependem centenas de outras crenças não menos irracionais.

A integralidade da saúde consciencial passa pelo exame das crenças absolutistas, ampliadas pelas variantes da multiexistencialidade e da multidimensionalidade da consciência. Assim, autodiagnóstico mais completo da dogmatopatia deste autor, à luz da Autoconsciencioterapia, envolveria, entre outros pontos, estes 10, aqui listados em ordem alfabética:

01. **Antiuniversalismo.** Não obstante as boas intenções, este autor reproduzia a interpretação particular e reducionista da instituição religiosa acerca do itinerário evolutivo da consciência. Todo dogmatismo é antiuniversalista, impedimento à maxifaternidade.

02. **Autoassédio.** O autor experimentava múltiplos conflitos íntimos pela inadaptação ao papel de funcionário do sagrado.

03. **Automimese.** O autor se rendeu novamente ao apelo automimético, buscando no modelo sacralizante da vida conventual o modo mais espiritualizado de fugir dos desafios da vida material e “mundana”; sentia-se “pronto” para reviver, nesta existência, o papel do religioso clássico.

04. **Autoviolência.** O autor tentava encaixar-se à força nos estritos moldes vividos no passado, mas desacreditados pelos próprios religiosos hodiernos; o autossacrifício parecia nunca ser o bastante.

05. **Desperdício mentalsomático.** A dedicação prolongada à Teologia ou poesia teológica, representou significativo atraso na administração da vida intelectual do autor.

06. **Heteroassédio.** O autor era constantemente vampirizado pelas conseneres e cobrado pelos guias extrafísicos amauróticos, fomentadores do holopensene religioso.

07. **Idealização.** O autor era fascinado pela busca interminável de perfeição e autossantificação;

08. **Imperativos.** O autor experimentava a conjugação do verbo “dever” como eixo fundamental da vida, vivenciando a autoimposição de valores heterônomos.

09. **Interprisão grupocármica.** Em seu itinerário multiexistencial, o autor repetidamente desempenhou o papel de funcionário do sagrado, arregimentando hordas de seguidores. Doutrinados e doutrinadores reivindicavam a manutenção da fidelidade do autor aos dogmas outrora defendidos.

10. **Lavagem paracerebral.** O autor encontrava-se imerso em profundo sonambulismo consciencial, submisso às estruturas e ideais medievalísticos, sob o jugo da obediência e lealdade à autoridade. Alimentava a contrição eterna do pecador, cuja dívida só aumenta diante da suposta onipotência e benevolência do ser divino.

Alguns psicólogos, na atualidade (KOENIG, 2001; PARGAMENT, 2001; MILLER *et al*, 1997) defendem a ideia de *coping* (“enfrentamento”) religioso-espiritual (CRE), isto é, “o uso da religião, espiritualidade ou fé para lidar com o estresse” (PANZINI & BANDEIRA, 2007, p. 126). A pressuposição é a melhoria da saúde física e mental nos pacientes crentes ou praticantes de rituais religiosos.

Tal posicionamento, ao restringir a saúde mental e física ao alívio imediato da consolação, ignora o paracérebro e todo o processo do sonambulismo consciencial. Obviamente, muitas pessoas precisam emergencialmente de conforto momentâneo e isto não poderá ser negado pelo assistente quando possível. Contudo, a manutenção da consciência no sono dogmático ampliará a parapatologia do mentalsoma, reforçando os antolhos da mente dogmática e irracionalista. O *coping* ou “enfrentamento” religioso é, na realidade, pseudoenfrentamento ou autointoxicação.

III.2. Paraterapêutica da dogmatopatia

À luz do autoparadiagnóstico acima descrito, o autor passou a empreender a paraterapêutica da dogmatopatia. Entre as medidas tomadas para o tratamento contínuo desta parapatologia, eis aqui, apresentadas em ordem alfabética, 12 atitudes assumidas pelo autor:

01. **Amparalidade.** Predisposição a trabalhar com amparador extrafísico técnico em Descriciologia.

02. **Autoenfrentamento.** Participação em cursos de autoenfrentamento, a exemplo do ECP1 (IIPC), Conscin-Cobaia (*Conscious*), Autoprofilaxia (OIC); Consciencioterapia (OIC), entre outros;

03. **Criticidade.** Afiinação dos instrumentais críticos: estudo da lógica, desenvolvimento do raciocínio crítico, prática da argumentação cosmoética.

04. **Descriciologia.** Emprego permanente do princípio da descença.

05. **Encapsulamento.** Autolucidez quanto a ambientes, objetos, evocações, palavras, companhias e quaisquer situações ligadas ao holopensene religioso e dogmático.

06. **Homeostase.** Eliminação dos bagulhos energéticos: o autor doou todos os livros e objetos ligados ao holopensene conventual, especialmente aqueles marcados com o nome “Frei...”

07. **Mentalsomática.** Desrepressão do mentalsoma: o autor pôs-se a pesquisar, escrever e lecionar sobre o tema, buscando a correlação deste com todas as situações possíveis.

08. **Parapedagogia.** Formação e especialização na docência conscienciológica, visando a teática da tares universalista.

09. **Parapsiquismo.** Desrepressão parapsíquica: exercícios energéticos, participação em dinâmicas parapsíquicas, laboratórios e campos projeciológicos.

10. **Recéxis.** Aplicação da técnica da reciclagem existencial a partir da execução da maxidisidência.

11. **Refutaciologia.** Paciente e exaustiva refutação das crenças irracionais quando manifestas.

12. **Voluntariado.** Participação nas atividades do voluntariado da Universidade Aberta da Conscienciológica, visando a ruptura com as formas esclerosadas do facciosismo e sectarismo.

III.3 . Autoparaprofilaxia antidogmática

A identificação dos dogmas irracionais radicados no mentalsoma e suas consequências nas manifestações multifárias da consciência, levou este autor a adotar medidas autoparaprofiláticas, isto é, a assunção de empreendimentos evolutivos a fim de evitar a recaída nos antigos padrões dogmáticos. A paraprofilaxia assumida pelo autor contempla prioritariamente estas três tarefas:

1. **Gescon.** Produção e publicação de gestação consciencial: *Onde a Religião Termina?* (2011), constitui “vigorosa autorreciclagem existencial determinada, megagestação consciencial exemplar e o primeiro passo para o competente autorrevezamento multiexistencial” (Prefácio de Waldo Vieira, p. 15).

2. **Itinerância autoral.** Após a publicação da gescon, o autor tem lecionado e debatido publicamente as teses do livro em longa série de itinerâncias nacionais. Os debates públicos foram ampliados a partir da utilização dos *websites* na execução da tares. Apenas uma das entrevistas do autor,

veiculada no You Tube pela TV Compléxis, alcança mil novos internautas por semana, já ultrapassando a marca de 45 mil acessos (Data-base: julho de 2012). É a entrevista conscienciológica mais assistida e debatida no planeta.

3. **Tenepes.** O autor prepara-se agora para iniciar a tarefa energética pessoal (tenepes), a prática do parapsiquismo interassistencial lúcido, delimitando o fim da religião para o praticante autoconsciente.

CONCLUSÃO

As experiências deste autor apresentam o antidogmatismo ao modo de ferramenta indispensável na prática do universalismo. A dogmatopatia, foi permanente motivo de sofrimento em períodos pretéritos do itinerário do autor, visto ser fonte de autointoxicação e impedimento à maxifraternidade. Enquanto parapatologia do mentalsoma, a dogmatopatia contamina todas as manifestações multifárias da consciência, tornando-a obtusa, defensiva, infantil, autoritária, segregadora e estagnada às paragens monocromáticas do irracionalismo. As abordagens das psicoterapias cognitivas se mostraram úteis a este autor, mas a ruptura com as formas escravizantes de dogmatismo religioso foram francamente rompidas apenas a partir do princípio conscienciológico da descrença. O *coping* religioso-espiritual pretendido por alguns psicólogos é lamentável manutenção da consciência no sono dogmático.

REFERÊNCIAS

- COLLINS, F. **A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe.** São Paulo: Gente, 2007.
- DOBSON, K. (org). **Handbook of Cognitive-behavioural Therapies.** New York: Guilford, 1988.
- ELLIS, Albert. **Reason and Emotion in Psychotherapy.** New York: Lyle Stuart, 1962.
- GLEISER, M. *Contra as Formas de Dogmatismo.* In: **Folha de São Paulo.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1004201103.htm>> Acesso em: 04.06.12.
- HOUAISS, A. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Objetiva, 2009.
- KOENIG, H. G. *Religion and Medicine II: developing a theoretical model.* **The International Journal of Psychiatry in Medicine**, 31(3), p. 321-336, 2001.
- LUZ, Marcelo da. **Onde a Religião Termina?** Foz do Iguaçu: Editares, 2011.
- MELTON, J. G. **Encyclopedia of American Religions.** Detroit: Gale Group, 2003.
- MILLER et al. *Religiosity and Depression: ten-year follow-up of depressed mothers and offspring.* In: **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, 36, p. 1416-1425, 1997.
- O'BRIEN, J. & PALMER, M. **O Atlas das Religiões: o mapeamento completo de todas as crenças.** São Paulo: Publifolha, 2008.
- PANZINI, R. & BANDEIRA, D. *Coping (enfrentamento) religioso / espiritual.* In: **Revista de Psiquiatria Clínica**, 34, supl. 1, p. 126-135, 2007.
- PARGAMENT, K. et al. *Religious coping among religious: the relationships between religious coping and well-being in a national sample of Presbyterian clergy, elders and members.* In: **Journal for the Scientific Study of Religion**, 40 (3), p. 497-513, 2001.
- POPPER, K. **A sociedade Aberta e Seus Inimigos.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1998.

RAHNER, K. & DARLAP, A. *Dogma*. In: **Encyclopedia of Religion**. Farmington Hills: Thomson Gale, 2005, p. 2.387-2390. Vol. 4.

RANGÉ, Bernard (org). **Psicoterapias Cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SACCONI, Luiz A. **Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Geração, 2010.

VIEIRA, W. (org). **Enciclopédia da Conscienciologia**. 8 vol. Foz do Iguaçu: Editares, 2010 (atualização eletrônica: 18.07.12). Verbetes consultados: *Achismo; Acriticismo; Adversário Ideológico; Amplificador da Consciencialidade; Amplitude Autopensênica; Anacronismo; Anticético; Antidogmática; Antidoutrinação; Antiparapsiquismo; Apedeutismo; Apriorismose; Argumentação Ilógica; Assunto Mateológico; Autassédio; Autocientificidade; Autopesquisologia; Autocriatividade; Autodispersividade; Beatice; Binômio Admiração-Discordância; Canga Tribal; Complacência Religiosa; Cosmovisiologia; Consciência Crítica Cosmoética; Consciência Literal; Consciencioterapeuta; Cotejo Dogmatismo-Antidogmatismo; Credulidade; Curiosidade Pesquisística; Debate; Descenciologia; Distorção Cognitiva; Doute Ignorância; Encolhimento Consciencial; Falaciologia; Fechadismo Consciencial; Flexibilidade Cognitiva; Gurulatria; Hermenêutica da Evoluciologia; Hipótese do Esgotamento Eletrônico; Idiotismo Cultural; Incompatibilidade Ciência / Religião; Inteligência Evolutiva; Irracionalidade Religiosa; Jogo da Religião; Ortopensenidade; Paracérebro Receptivo; Pesquisador Independente; Princípio da Descrença; Priorologia; Produção do Esclarecimento; Refutaciologia; Retardamento Mental Coletivo; Santificação; Síndrome da Mediocrização; Saúde Intelectual; Saúde Mental; Senso Universalista; Tares Expositiva; Verdade Prioritária; Verdade Relativa de Ponta; Verponogenia.*

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-philosophicus**. São Paulo: Nacional EDUSP, 1968.